

ENTRECORTES NO CUIDADO EM SAÚDE NO PROCESSO DE ENVELHECIMENTO DAS TRAVESTIS

Vera Márcia Marques Santos

Doutora em Educação, Professora Adjunta do Centro de Educação a Distância
CEAD/UDESC.

Robson Lovison

Acadêmico do Curso de Enfermagem da Universidade do Estado de Santa Catarina
CEO – UDESC

Rodrigo Pedro Casteleira

SEED/PR – Mestre em Ciências Sociais - UEM

RESUMO

A relação entre a travestilidade e o envelhecimento é tema de interesse da saúde pública e da enfermagem, de onde lançamos o olhar acadêmico. Objetivou-se analisar os resultados dos estudos na área científica sobre o envelhecimento de travestis no Brasil. Trata-se de uma revisão bibliográfica utilizando como base a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e Google Acadêmico, empregando os descritores: travestis; gênero; envelhecimento e corpo, no período de 2000 a 2015. Foram encontrados 19 trabalhos, indicando que estudos sobre o envelhecimento de travestis são escassos. Os estudos apontaram aspectos como exclusão social, familiar e profissional levando muitas à prostituição, configurando-se um processo histórico e contínuo que pauta a vida das travestis. O percentual de travestis que ultrapassa os 30 anos é baixo, em função da vida que levam por lhes faltar opções dignas. As questões de saúde constituem grandes desafios a serem enfrentados durante suas vidas, havendo carência na efetivação de políticas públicas de saúde voltadas a este segmento. Sugere-se a atuação da enfermagem na construção da cidadania das travestis, a partir da luta pela implementação de ações de saúde e no atendimento digno e respeitoso, considerando suas especificidades.

Palavras-chave: Travestis; Envelhecimento; Enfermagem.

INTRODUÇÃO

Temas que tratam de gênero e da orientação sexual estão em voga nos últimos anos, em todo o mundo. A categorização dos diversos segmentos da população, relativos à orientação sexual ou gênero, é um dos focos de debates e se

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



justifica pela necessidade de organizar o funcionamento social, porém, há de se evidenciar que essa diferenciação acaba por promover a discriminação. Como explica Antunes (2010), o conhecimento científico foi categorizando a sexualidade através das percepções do corpo e determinando como cada grupo classificado deveria ser, incluindo determinações do que é ou não normal.

Travestis convivem cotidianamente com essas questões: o mundo sabe que elas existem, mas há uma percepção que estimula a indiferença e a ideia de que são “criações” que um dia, simplesmente, sairão de cena.

Criou-se um entendimento histórico de que travestis, entre outros grupos, como homossexuais e bissexuais, são seres patológicos. Esse entendimento que se fixou na cultura das sociedades ocorreu por razões médicas e de saúde mental, visto que a psicanálise e a medicina definiram que qualquer comportamento sexual que fugisse ao considerado normal (heterossexualidade, por exemplo) seria patológico.

Ao longo dos anos uma cultura generalizada discriminatória se instaurou, além do medo que em relação às travestis, que se mantém atualmente. São tratadas como seres indignos, que não deveriam existir, como aberrações e os mais extremistas, defendem o extermínio dessas pessoas. Em função da condição social imposta, tendem a viver de maneira improvisada, seja na questão de moradia, de alimentação, de saúde, de segurança, de formação e profissionalmente (KULICK, 2008).

Quando se soma a isso outros elementos do cotidiano e do processo de desenvolvimento do ser humano em geral, o problema se amplia. É o caso do envelhecimento. O questionamento: travestis envelhecem? Parece ser parte de algum filme de ficção para a maioria das pessoas que, ao serem questionadas, se surpreendem ao tomar consciência de que esta população não é formada por personagens, mas por seres humanos como quaisquer outros, que nascem, crescem, se desenvolvem e tem as mesmas necessidades, desejos, aspirações e problemas, como qualquer outra pessoa. E sim, deveriam envelhecer.

O envelhecimento de travestis, portanto, é um problema relevante e que merece ser tratado com todo o respeito e dedicação. Acima de tudo é um tema que merece mais atenção do Estado e, conseqüentemente, da saúde pública. Se de um

REALIZAÇÃO



APÓLO



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



lado, abordar esse assunto auxilia na tomada de consciência sobre a realidade das travestis e da necessidade de reconhecê-las enquanto pessoas e não como seres abjetos, por outro lado, colabora no levantamento da situação real das travestis idosas e busca ainda levantar as razões que mostram porque muitas travestis não chegam a envelhecer. Todos estes motivos se traduzem no combate ao grande problema de grupos minoritários, a discriminação, o que motivou a definição deste tema em estudo: a relação entre a travestilidade e o envelhecimento.

Deste modo, objetivou-se levantar os estudos e analisar os resultados da produção científica acerca do envelhecimento das travestis no Brasil, publicados no período de 2000 a 2015.

MÉTODO

Trata-se de uma revisão de produção acadêmica, que é a base de qualquer pesquisa científica, pautada no método estado da arte ou estado do conhecimento.

Esse tipo de pesquisa faz uma revisão sistemática e integrativa, tanto quantitativa como qualitativa de um tema, em determinado período e espaço. Ela mostra quantos estudos foram feitos e qual a relevância, significado e qualidade deles e assim, permite que se tenha embasamento para definir a forma como determinado tema tem sido tratado (FERREIRA, 2002).

Para utilizar o estudo da arte como método de pesquisa é necessário seguir algumas regras essenciais que inicia com o recorte temático, definido neste estudo como a relação entre a travestilidade e o envelhecimento. Segue-se com o recorte temporal, definido em 15 anos, de 2000 a 2015. Em seguida define-se o recorte espacial, limitado a artigos escritos em português. Foram definidos como os descritores: travestis; gênero; envelhecimento; corpo, buscando artigos, textos e trabalhos acadêmicos publicados na base a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) (FERREIRA, 2002; ROMANOWSKI, 2002).

Foram definidos como critérios de inclusão, a quantidade e a qualidade dos métodos aplicados nos estudos que foram publicados no período de 2000 a 2015 e que, portanto, fundaram-se na cientificidade. O critério de exclusão focou na eliminação de trabalhos em que o tema principal não se restringisse ao envelhecimento das travestis.

Realização:

Apoio:





Foi realizada exaustiva pesquisa de artigos, textos e trabalhos acadêmicos, fichados, selecionados e classificados, para definir àqueles que atendiam expressamente os critérios de inclusão. Em seguida, os textos foram analisados e categorizados de forma a quantificar e qualificar e assim ser possível descrever e analisar os resultados. A pesquisa foi realizada no período de agosto de 2015 a março de 2016, já a classificação dos artigos perdurou entre abril e junho de 2016.

RESULTADOS

A seleção final resultou em 19 textos, compostos por três Dissertações, três Teses e 13 artigos, distribuídos nas seguintes áreas do conhecimento: seis textos na área de antropologia social; quatro de filosofia e sociologia; três de psicologia social e educação; dois de história/antropologia; dois de ciências sociais; um de educação e direitos humanos e um de saúde pública.

Observou-se que até o ano de 2004 nenhum artigo que atendesse os critérios de inclusão foi publicado, sendo, portanto, a pesquisa reduzida a 11 anos, já que nos primeiros 4 anos dos 15 que se pretendia investigar, não foram publicados trabalhos.

No ano de 2004 foi encontrado um artigo, igualmente em 2007, 2008 e 2009. Em 2011 foram quatro, em 2012 um, quatro em 2013, três em 2014 e três em 2015.

Quanto ao tipo de pesquisa, 13 textos seguem alguns dos diversos métodos de pesquisa de campo, utilizando como instrumentos a observação, entrevistas, depoimentos, pesquisa social. Existem ainda 6 destinados à revisão bibliográfica ou de literatura. A identidade pessoal e as trajetórias sociais são os principais focos das pesquisas que buscam narrativas sobre a vida familiar, social e profissional das travestis para.

Os estudos apontam uma expectativa de vida média entre 30 e 45 anos (NOGUEIRA, 2013), bem como que a vida adulta, na concepção das travestis, não ultrapassa a média de três décadas, ou seja, uma travesti com idade superior a 30 anos já é considerada velha (NOGUEIRA, 2013; COSTA, 2013; SIQUEIRA, 2004).

Considerando que a velhice traz consigo fragilidades na questão da saúde, da capacidade de autonomia e independência para todas as pessoas, ao se verificar a situação das travestis, que pela exclusão social tendem a uma vida marginalizada,

Realização:

Apoio:



as dificuldades tendem a chegar mais cedo e com maior impacto (SIQUEIRA, 2004; ANTUNES, 2011; ANTUNES, 2013; LOPES, 2013; COSTA, 2013).

Conforme levantado nos estudos, (ANTUNES; MERCADANTE, 2011; ANTUNES, 2011; ANTUNES, 2013; CASTELEIRA, 2014) parcela significativa da população de travestis vive da prostituição, nas ruas. Para continuarem na profissão utilizam meios não recomendados pelos saberes médicos para manter a aparência jovem, como o consumo excessivo de hormônios ou o uso de silicone industrial, proibido para uso humano e nefasto para a saúde. Associado a isso, o não uso de preservativos, a violência, a baixa qualidade da moradia e alimentação e ainda o distanciamento das travestis dos atendimentos básicos de saúde, resultam em envelhecimento precoce tanto em termos físicos, como na percepção do outro, seja a sociedade (ou seus clientes) ou as próprias travestis.

Um dos estudos traz de forma mais pontual a relação de travestilidade e envelhecimento (ANTUNES, 2013) aponta que cerca de 90% das travestis tornam-se profissionais do sexo e vive à margem da sociedade, sendo acolhidas, em geral, por travestis mais velhas e, assim, forma-se uma corrente em que a exclusão social e familiar é o mote para o acolhimento de novos pares e a força para a vida improvisada que, em geral, as travestis tem.

Parte significativa dos estudos (SIQUEIRA; ROCHA, 2008; ANTUNES, 2013; AZEVEDO, 2015; CASTRO et al. 2015; LIMA, 2014; COSTA, 2013) aponta a exclusão familiar como um dos elementos causais da vida pregressa das travestis idosas, ou seja, a juventude dessas mulheres foi vivida entre as décadas de 1960 e 1980, período em que a discriminação era ainda mais forte e violenta. Além das famílias não aceitarem a condição, também a comunidade em que viviam e ainda o sistema político ditatorial da época as relegava a uma única escolha: sair de suas casas familiares, abandonar a escola e buscar abrigo nas ruas, em pensões ou em lares divididos entre muitas travestis. E o trabalho limitava-se à prostituição, em geral, nas ruas das grandes cidades brasileiras. Esse cenário se estendeu ao longo da vida e permeia a vida das travestis idosas de hoje.

Mas há uma condição ainda mais dolorosa na história de muitas travestis idosas, a perda da “família” de rua ou de moradia, pelas doenças, assassinato, prisão, entre outras situações, resultado direto da condição de ignoradas pela

Realização:



Apoio:



sociedade e família ou resultado da não aceitação da sua condição sexual. Azevedo (2015, p. 223) aponta essa situação em uma de suas entrevistas: “a amizade como modo de vida restou apenas nas memórias de Valquíria, em todas as entrevistas Valquíria expôs o saudosismo e a solidão como principais batidas da melodia que é sua vida no presente”.

Doenças sexualmente transmissíveis, especialmente o HIV são comuns. Muitas das travestis idosas viveram intensamente o período de maior disseminação do vírus, inclusive, muitas delas tendo vivido na Europa na época (anos das décadas de 1980 e 1990) quando ocorreu a fase de maior propagação e elas viviam como prostitutas em cidades como Paris, Roma e Londres (ANTUNES, 2011; COSTA, 2013; GARCIA, 2007).

Mas a violência foi e ainda é o mais grave e inaceitável drama das travestis e principal causa das mortes prematuras. O Brasil está em primeiro lugar no número de mortes por transfobia, alcançando 50% do total mundial, superando em quatro vezes as mortes pela mesma motivação no México, que é o segundo colocado nas estatísticas. Aquelas que sobrevivem e conseguem envelhecer tendem a morar juntas ou próximas e auxiliar as mais novas que chegam (SIQUEIRA, 2004).

Um dos estigmas que afeta diretamente as travestis é o senso comum de que são prostitutas por escolha e não porque a exclusão familiar, social e do poder público limitaram suas possibilidades de sobrevivência. Em diversos relatos dos trabalhos não é isso que se observa: “[...] nem sei se eu gostava não, foi a única saída que me deram, está entendendo?” (CASTRO et. al, 2015).

O estudo de Siqueira e Rocha (2008) com travestis ‘das antigas’ do bairro da Lapa no Rio de Janeiro apontou outro aspecto importante na constituição das identidades das travestis: o pertencimento ao lugar que escolhem para trabalhar e viver. É assim, juntamente, com as parcerias entre travestis que constroem suas bases, substituindo a família, bem como sua constituição social. Côrte e Brandão (2011) enfatizam a criatividade das travestis para buscar sua percepção de pertença, buscando o lugar, o espaço e o lar que as abrigue e que permita suas mutações e construções ao longo da vida.

Saúde, políticas de saúde, programas públicos de saúde são citados em alguns estudos, mas muito pouco aprofundados na maioria deles. Encontrou-se

Realização:

Apoio:



apenas um estudo escrito por um profissional de enfermagem e ainda assim abordando questões relativas à história de vida das travestis idosas, sem aprofundamento às questões de saúde. O estudo de Moreira (2013) é o que mais aponta para a importância dos cuidados em saúde e aponta a inércia do sistema em relação as travestis. Sabatine (2014) indica a existência de programas públicos de saúde voltados à informação sobre o uso de drogas e os perigos do HIV, mas também aponta para o pouco acesso das travestis as informações.

Outro aspecto tratado nos estudos analisados diz respeito à forma como as travestis mais velhas transformaram seus corpos. Em geral utilizando silicone e outros produtos proibidos ao uso humano. O desejo de serem femininas e a exclusão social que limita o acesso a quase tudo, as levou, em sua maioria, a utilizar de formas perigosas de tratamento ou intervenção na busca da feminilidade física. Muitas delas, hoje, têm diversos problemas de saúde ou estéticos e tornam-se conselheiras das mais jovens (ANTUNES, 2013; SIQUEIRA, 2009; GARCIA, 2007; COSTA, 2013).

Os resultados deste levantamento permitem avaliar alguns elementos como a exclusão social, a prostituição como meio de vida, a necessidade de manter o corpo para subsistir, o uso de silicone e outros meios não indicados, entre outros aspectos a serem analisados na sequência.

DISCUSSÃO

Os aspectos quantitativos do estudo apontam que há um visível crescimento no número de estudos que tratam da travestilidade e o envelhecimento. Enquanto até o ano de 2004 nenhum texto foi encontrado e entre 2004 e 2009 apenas três, entre 2011 e 2015 foram 15 estudos selecionados. Isso indica o avanço positivo em relação ao reconhecimento da existência das travestis. Elas deixam de ser completamente invisíveis, ao menos aos olhos das ciências e um pequeno espaço é aberto para que sejam reconhecidas enquanto seres sociais e humanos.

Lima (2014) em seu estudo de revisão integrativa sobre gays, lésbicas, e travestis idosas encontrou, no período de 2000 a 2012, apenas 12 artigos e somente três que tratavam do envelhecimento de travestis. Indica em sua pesquisa que

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



somente a partir de 2004 encontrou estudos dessa natureza, corroborando ao encontrado em nossa pesquisa.

Entretanto, os estudos focam em contextualizar a vida e as vivências das travestis, os problemas que enfrentam, mas ainda não trazem efetividade nas ações ou sugestões de meios para combater a discriminação.

Em relação à temática travesti, os estudos giram em torno de suas práticas, transformações corporais, questões pertinentes ao processo de construção de uma identidade travesti além das redes de relações sociais, tendo como pano de fundo o universo da prostituição. A questão do envelhecimento está, praticamente, ausente desses trabalhos, aparecendo, às vezes, nas falas das travestis ou desencadeada por algum acontecimento. De qualquer forma, o tema não é privilegiado (SIQUEIRA, 2004, p.13).

Envelhecer é privilégio entre as travestis (NOGUEIRA, 2013) e àquelas que sobrevivem e conseguem envelhecer, tendem a morar juntas e auxiliar as mais novas que chegam (SIQUEIRA, 2009), transformando-se em “mães” ou madrinhas, acolhendo, ensinando e protegendo as travestis que chegam (ANTUNES; MERCADANTE, 2011, p. 117).

Na questão da velhice vários fatores pesam demasiadamente: o fato de serem prostitutas, de se travestirem e de serem mulheres, mas, para isso, é necessária a transformação física. Em estudo com travestis jovens sobre o envelhecimento, Casteleira (2014, p. 24) conta que as entrevistadas deixam muito evidente a relação entre as suas corporeidades e a beleza, essenciais para se manterem trabalhando, especialmente na rua no mercado do sexo, já que a “rua se constitui uma passarela sempre apta ao desfile, aguardando que cada uma esteja bonita e bem trajada. [...] a tônica revelada é a de que quanto mais jovem e bonita, mais atenção se ganha, indiferente se ganham ou não dinheiro, o que importa é ser observada”.

Existe uma relação direta no pesar desse envelhecimento, conectado em assumir a idade e o próprio envelhecimento (CASTELEIRA, 2014), justificada em função da relação direta entre sobrevivência no trabalho e juventude. Por outro lado, Costa (2013) levantou que a vida de lutas ensinou as travestis mais velhas a driblarem também o peso do envelhecimento, o que as impulsiona a diferentes percepções sobre as possibilidades de aproveitar a velhice, conquistando

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



efetivamente a autonomia sobre a qual lutaram por toda a vida. Assim, percebem um impulso de alegria em viver, apesar de tudo. Entre os aspectos positivos citados estão: o respeito das travestis mais jovens e de outras pessoas como vizinhos; a experiência de vida que as faz mais ponderadas e para algumas a segurança, já que conseguiram algum conforto como casa própria e assim, a liberdade tão sonhada.

O envelhecimento, além de um processo biológico, constitui-se como “construção sociocultural, ligada às expectativas, valores e ética da sociedade” (MEDEIROS, 2006, p. 14). Apesar das dificuldades, mantém uma história de luta política por seus direitos e pelo espaço social, muitas delas conseguindo status privilegiado entre seus pares.

Lopes (2013) também levantou aspectos positivos elencados pelas suas entrevistadas sobre o envelhecimento. Preocupam-se com a beleza, porém, se aceitam e se desejam belas, não somente em função da pressão social e dos grupos que convivem, mas sim porque sentem-se felizes em se manter belas e desejam esse embelezamento para sua autoestima. Algumas delas entendem que com o envelhecimento encontraram a forma certa da sua feminilidade. Encontraram o seu lugar e desabrocharam como mulheres. Seria então o alcance do objetivo primordial de suas identidades. Talvez, a maior conquista das travestis.

É comum encontrar travestis idosas convivendo com o HIV/AIDS, assim como são muitos os relatos de mortes em função da síndrome. Viveram o auge da epidemia e como relata. Sabatine (2014, p. 5) “[...] vivenciaram com muita intensidade o advento da epidemia, conviveram com a angústia coletiva criada pela letalidade da doença e com os efeitos de recrudescimento dos preconceitos que associaram homossexualidade e doença”.

Aquelas que sobreviveram seguem o tratamento, mas a luta pela saúde é ainda uma das questões complexas e graves da vida das travestis, dado que tem pouco acesso a políticas públicas de prevenção e informação e sofrem com a baixa qualidade de vida (alimentação, moradia, trabalho nas ruas, violência).

Em todo o contexto da vida e história das travestis e mais especificamente sobre o tema saúde, o que se levantou pelo estudo é o quase nulo interesse das ciências da saúde em pesquisar e ainda mais em promover ações de saúde especificamente voltado para as travestis. Há o reconhecimento da necessidade e

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



importância em se elaborar políticas públicas de saúde e ações junto a esse grupo, mas na prática pouco se encontra de efetivo. Estar-se-ia assim, cumprindo com o que determina a Constituição Federal: “Art. 196. A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação” (BRASIL, 1988).

Sabatine (2014), ao apontar a existência de programas públicos de saúde voltados aos grupos LGBT sobre o HIV e o consumo de drogas, indica o pouco acesso das travestis a essas políticas e informações, bem como o despreparo das equipes de saúde da família para atender adequadamente essas pessoas e, ainda o não acesso à tecnologia mais avançada, em função do custo.

Para ter acesso a essa população é essencial levar em conta que são pessoas estigmatizadas, sofridas, excluídas da sociedade, das comunidades e das famílias e, por isso, resistem em procurar ajuda, muitas sequer acreditam que serão atendidas ou acompanhadas por algum profissional de saúde e, portanto, é preciso preparo para a abordagem, é necessário ir ao encontro das travestis e ainda, atraí-las de modo afetivo e respeitoso.

Conhecer suas trajetórias de vida possibilita identificar quais são os pontos mais críticos onde não há qualquer amparo existencial. Elas são grandes improvisadoras, visto que não são reconhecidas como pessoas humanas. Precisam inventar suas vidas de forma original. Como não “existem” perante a lei, estão sujeitas a todo tipo de violência e aniquilamento. Quem as defenderá? (ANTUNES, 2013, p. 232).

A promoção da saúde para travestis é um desafio à enfermagem que, por ter uma história de luta pela democratização do acesso à saúde e um movimento em prol da informação e da construção social da saúde, pode e deve conduzir esforços em prol da dignidade e do bem-estar das travestis. Um único artigo tem como autor um profissional de enfermagem, graduado e licenciado na profissão e especialista em Direito Sanitário. É também o único artigo encontrado em saúde coletiva, mostrando o quão distante ainda está a saúde e suas profissões desse grupo populacional.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



De forma muito específica, a enfermagem pode colaborar para efetivar políticas públicas de cuidados em saúde voltados especificamente para a preparação ao envelhecimento, respeitando as singularidades dessas pessoas, com dignidade, eficiência e sem discriminação. Em linhas gerais, o tema travestis e envelhecimento apontam para dois contextos:

Significados contraditórios são mobilizados para dar sentido ao envelhecimento de travestis. De um lado são negativos, pois envolvem a perda de funções e competências, o ostracismo e a desvalorização em função da valorização estética da juventude, envolvem também o descuido e sistemática falta de políticas públicas que perpetua as exclusões desde a tenra idade, assim as marcas da velhice expõe esta trajetória trôpega e em direção a decadência. De outro lado, a menção positiva ao envelhecimento, pois, aquelas que envelhecem são sobreviventes exemplares e raras das injunções do poder, e por isso, sugere o autor, podem servir de referência para as mais jovens (SABATINE, 2014, p. 9).

A questão da saúde é um dos mais graves problemas que enfrentam durante toda a vida, tanto especificamente em relação às doenças sexualmente transmissíveis, como nos aspectos gerais, pois, não há políticas públicas efetivas – embora já estejam elaboradas no papel - voltadas a promoção da saúde, entre esse grupo (MOREIRA, 2013). Convém salientar que conforme definido pela OMS (1946) saúde é o “estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não somente a ausência de enfermidade ou invalidez”, ou seja, envolve todas as questões debatidas durante o estudo como moradia digna, trabalho com segurança, inclusão social, entre outros.

No Brasil, existe a Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT) instituída pela Portaria nº 2.836 de 1º de dezembro de 2011, única política pública organizada, elaborada, sancionada e publicada no Brasil. Há, a partir disso, um programa que em teoria pode ser considerado significativo, considerando as décadas de lutas para instituir ações em prol desta população.

A política, respeitando o termo integral contido em sua denominação, não foca apenas na saúde física das pessoas LGBT, mas em elementos como o respeito aos direitos humanos, a promoção da cidadania e da inclusão, o estímulo aos processos de formulação de outras políticas, mais específicas como orientação

Realização:



Apoio:





sexual, identidade de gênero, ciclos de vida, entre outros, combate a homofobia e todas as formas de discriminação, inclusão da temática LGBT em todos os cursos e processos de educação dos profissionais do SUS, produção de conhecimento científico e tecnológico acerca da saúde a população LGBT, auxílio no fortalecimento das representações dos movimentos sociais, difusão de informação sobre a saúde e acesso a saúde e finalmente implementação de ações, procedimentos e serviços no SUS que atendam a todas as condições e necessidades de saúde física e psíquica da população LGBT (BRASIL, 2011).

Observa-se, portanto, que a política LGBT é ampla e significativa, entretanto, ainda não alcançou a prática cotidiana do sistema de saúde público. Falta a implementação efetiva das ações e a preparação e formação dos profissionais que atuam no setor, especialmente na estratégia de Saúde da Família (ESF).

É fundamental para a construção da cidadania, da igualdade, responsabilidades também na área da saúde e, especialmente para a formação eficiente e ampla dos profissionais, reconhecer a singularidades desse grupo e promover a saúde, sugerindo e lutando por políticas públicas que sejam efetivas e atendam a essa população e fomentando as práticas respeitadas e individualizadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nestes textos percebe-se que há um processo histórico e contínuo de exclusão que se inicia na família e continua na escola, no trabalho e no cotidiano social. As travestis idosas que narram suas histórias apontam situações comuns, como a não aceitação familiar, da comunidade e da sociedade em geral. Tem baixa escolaridade, pouco acesso à renda e ao trabalho e emprego formal, vivem a rejeição em todos os campos sociais, incluindo a saúde pública. São as causas principais de terem a prostituição como único meio de sobrevivência.

Dessa forma, as ruas são o local de convivência, de encontrar pares que vivem a mesma história e de buscar algum meio de chamar a atenção e serem percebidas. Esse cenário leva muitas travestis a morte prematura e quem envelhece, soma à toda negligência, os problemas comuns do envelhecimento, a dificuldade em continuar sobrevivendo da prostituição e o pouco ou nenhum apoio institucional para questões como saúde e aposentadoria.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Mais especificamente, os estudos apontaram para a indiferença do campo da saúde na questão do envelhecimento de travestis. Não há estudos específicos e contundentes, assim como pouca ou nenhuma política de saúde efetivada.

Urge, portanto, investigar como os profissionais da saúde, especialmente a enfermagem atuam na saúde pública em relação as travestis, tanto na forma como as recebem, atendem, como nos meios com que promovem a saúde. A partir disso deve-se produzir e aplicar programas, ações e intervenções voltados especificamente as travestis de todas as idades e condições, em parte focando nas travestis idosas e na promoção do envelhecimento com qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, P.P. **Travestis envelhecem?**. São Paulo: Annablume. 2013. 258 p.

_____. Quais condições de moradia algumas travestis têm encontrado ao longo da vida?. **Revista Portal de Divulgação**, v. 16, p. 38-54, 2011.

ANTUNES, P.P.; MERCADANTE, E.F. Travestis, envelhecimento e velhice. **Revista Kairós Gerontologia Temática**, v. 14, n. 5, p. 109-132, 2011.

_____. Algumas contribuições da filosofia e sociologia na compreensão do envelhecimento e velhice de travestis. **Revista Portal de Divulgação**, n. 11, Jun. 2011. Disponível em: <http://www.portaldoenvelhecimento.org.br/revista/index.php>. Acesso em: 22 mar 2016.

AZEVEDO, C.L. Infinitos particulares: memórias, vivências queers e microterritórios em campina grande (PB). **1º Colóquio Internacional de História de Cultura da Cidade**. Porto Alegre: 9 a 11 março 2015.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Planalto. 1988, Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao.htm. Acesso em: 16 jun. 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Saúde Integral LGBT**. Portaria nº 2.836, de 1º de dezembro de 2011. Brasília. DOU, 2011.

CASTELEIRA, R.P.; MAIO, E.R. A velhice e envelhecimento a partir da fala de jovens trans. In: **Simpósio Internacional de Educação Sexual**. UEM, 22-24 abril 2015.

CASTELEIRA, R.P. O envelhecimento de trans jovens: falas, imagens e corpos. In: III Simpósio Gênero e Políticas Públicas, 2014, Londrina. **Anais....** Londrina: Gráfica UEL, 2014.

Realização:



Apoio:



_____. Identidade no envelhecimento de travestis. In: VI Congresso Internacional Dd Estudos Sobre a Diversidade Sexual e de Gênero Da ABEH, 2012, Salvador. **Anais...** Salvador, 2012.

CASTRO, B.P. et al. Mulheres em Situação de Rua: Trajetórias de Invisibilidade e Exclusão na Construção de Identidades. In: IV Seminário Enlaçando Sexualidades, 2015, Salvador. **Anais...**, Salvador: 2015.

CÔRTE, B.; BRANDÃO, V. Arte e criatividade: Caminhos para a Longevidade. **Revista Portal de Divulgação**, n. 16, Nov. 2011. Disponível em: <http://www.portaldoenvelhecimento.org.br/revista/index.php>. Acesso em: 22 mar. 2016.

COSTA, C.H. **Travestilidades**: incursões sobre envelhecimento a partir das trajetórias de vida de travestis da cidade do Recife. 143fl. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Recife, 2013.

FERREIRA, N.S.A. As pesquisas denominadas "estado da arte". **Educ. Soc.** [online]. v. 23, n. 79, p. 257-272, 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302002000300013&script=sci_abstract&lng=pt. Acesso em: 28 agos. 2016.

GARCIA, M.R. **Dragões**: gênero, corpo, trabalho e violência na formação da identidade entre travestis de baixa renda. 189 fl. Tese (Doutorado em Psicologia Social), Instituto de Psicologia, USP, São Paulo, 2007.

KULICK, D. **Travesti**: Prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.

LIMA, P.V.S. Considerações Sobre o Envelhecimento de Gays, Lésbicas e Travestis. In: III Seminário de Educação, Diversidade Cultural e Direitos Humanos, 2014, Vitória - Espírito Santo. **Caderno de Resumos...**, 2014. p. 31-32.

LOPES, F.H. 'Ser diferente e chegar à maturidade(...)'. Experiências de envelhecimento e travestilidade. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 10, 2013, Florianópolis. **Anais...** 2013. p. 1-14.

MEDEIROS, S. Brasil: O que dizem os números sobre a pessoa idosa. In: XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais. ABEP, Caxambú, **Anais...** 18 a 22 de setembro de 2006.

MOREIRA, C.L. **Aspectos sociodemográficos, sexuais e de saúde das travestis que atuam como profissionais do sexo no bairro da Lapa - Rio De Janeiro**. Dissertação (Mestrado em Saúde da Família) Universidade Estácio de Sá. Rio de Janeiro, 2013.

NOGUEIRA, F.J.S. **"Mariconas"**: itinerários da velhice travesti, (des) montagens e (in) visibilidades. Tese (Doutorado em Sociologia), UFPB, João Pessoa, 2013.

OMS – Organização Mundial da Saúde. **Constituição da Organização Mundial da Saúde em 1946**. Disponível em:

Realização:



Apoio:



<<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/OMS-Organiza%C3%A7%C3%A3o-Mundial-da-Sa%C3%BAde/constituicao-daorganizacao-mundial-da-saudeomswho.html>>. Acesso em: 15. Jun.2016.

ROMANOWSKI, J.P. **As licenciaturas no Brasil:** um balanço das teses e dissertações dos anos 90. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação, USP, São Paulo, 2002.

SABATINE, T.T. Experiência geracionais e narrativas de travestis mais velhas e jovens. In: 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2014, Natal/RN. **Anais...** 2014. p. 1-20.

SIQUEIRA, M.S. **Sou Senhora:** um estudo antropológico sobre travestis na velhice. Dissertação (Mestrado em Antropologia) Programa de Antropologia, UFSC, 2004.

_____. **Arrasando horrores:** uma etnografia das memórias, formas de sociabilidade e itinerários urbanos de travestis das antigas. Tese (Doutorado em Antropologia Social) Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFSC, Florianópolis, 2009.

SIQUEIRA, M.S.; ROCHA, A.L. Na Lapa tudo é permitido! A Lapa sob o olhar e a experiência de travestis das antigas. **Illuminuras** (Porto Alegre), v. 19, p. 1-17, 2008.

ABSTRACT

This research has as its objective analyze the results, of studies in the scientific area ,of the aging transvestites in Brazil, in the last fifteen years. This is a literature review , that uses as its basis, the Virtual Health Library (VHL), Google Scholar articles, theses and dissertations indexed in Medline and Scielo. Using key words like: transvestites; genre; aging and body, in the period from 2000 to 2015, found only 19 works. Indicating that studies about the aging process of those people who are defined themselves, as transvestites, are very rare, especially when we take in consideration issues such as access to health, although there's been an progressive increase of those. Most studies have pointed other aspects like social exclusion, family and work ,prostitution results from of social matters that exclude them.. The percentage of transvestites who achieve older ages is extremely low because they life style and the lack of opportunities of so called regular jobs him worthy. Health issues are major challenges they have to face trough all their existence . There are no real actions been taken in public health area destined to this segment of the society. We suggest an effective action from the nursery system , in order to build to transvestites an citizenship , trough the the implementation of health an decent and respectful care, considering its specificities in all healthy facilities.

Keywords: Transvestites; Aging; Nursing.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação

